

ACERVO PESSOAL



conscientização de crianças para a importância de respeitar as diferenças e despertar neles a empatia. Foram mais de 10 escolas visitadas e cinco cursos universitários: Direito, Medicina, Psicologia, Arquitetura e Engenharia. Acreditamos que cada um dentro da sua profissão pode fazer a sua parte para mudar essa realidade. Outra iniciativa foi o Mova-se para a vida, que oferece ajuda psicológica para integrantes do projeto; o Multa moral, com objetivo de conscientizar os motoristas do mal que fazem quando não respeitam as vagas de idosos e de deficientes. Também promovemos três edições de caminhadas diagnosticadas para detectar os pontos a serem melhorados com ajuda de uma arquiteta voluntária.

Criamos o nosso site (www.projetomovase.org.br), estivemos três

vezes na Câmara de Vereadores e uma vez na prefeitura e realizamos palestras e eventos com o objetivo de tirar as pessoas com deficiência de casa, onde vivem numa espécie de prisão, e trazê-las para o convívio social e para o lazer. Na área cultural, realizamos um espetáculo de dança inclusiva, onde tiveram como convidados 10 alunos da Apae de Cachoeiro com deficiência intelectual, cinco com Síndrome de Down, três cadeirantes, idosos e eu dançando com a minha filha no andador.

O vídeo da dança com a sua filha viralizou nas redes sociais. Como foi a experiência?

Foi um momento mágico. Luísa dança com o professor Jeremias Schaydegger desde os 7 anos e ele sempre teve olhar inclusivo.

Perfil. Saiba mais sobre a entrevistada

● Mônica Pitanga, 40, é casada e mãe de três filhos: Luísa, de 16 anos, que foi diagnosticada com uma doença genética rara, que lhe causa limitação física; Thor, de 10 anos e Laila, de 7 anos.

● A filha Luísa tem dificuldade motora desde que nasceu, num parto complicado, onde mãe e filha quase morreram. A menina sonhava em ser bailarina e contou com o apoio da mãe para superar suas limitações. Mônica, inclusive, resolveu fazer aulas de dança para estimular Luísa. No ano passado, as duas dançaram juntas em um teatro e o evento emocionou muito o público. O vídeo viralizou nas redes sociais e foi divulgado pela imprensa.



Mônica com a filha Luísa, que tem deficiência física

Quando ela fez uma cirurgia no quadril, ficou sem dançar por três anos e teve que usar o andador, não conseguiu mais andar sozinha. Um dia eu tive esse desejo de dançar com ela e chamei o professor para fazer o espetáculo de dança inclusiva e foi realmente emocionante, a realização de um sonho. Quem assistiu falou que ficou emocionado.

Sente que está conseguindo atingir os objetivos do projeto?

Estou muito feliz. Trabalhamos muito, não foi fácil, mas contei com a ajuda de muita gente que nos recebeu e abraçou a causa. Comércio, lojas e restaurantes estão se adaptando, reformando banheiros, rampas e estamos recebendo muitas fotos agradecendo pelo projeto, dizendo que antes não pensavam dessa forma e que agora despertaram para esse lado. Estamos vendo modificações reais de lugares particulares. Só o setor público ainda não teve nenhum retorno na prática. Também recebemos relatos de crianças que falam com os pais sobre o que aprendeu na escola a

partir do projeto. Sem contar a alegria das pessoas com deficiência em poder participar de danças, eventos e atividades que algumas nunca tiveram oportunidade de participar. Tivemos pessoas que estão superando depressão. Estamos conseguindo bastante coisa e, em 2020, se Deus quiser, vamos conseguir mais.

O que sonha como principal melhoria para os deficientes físicos?

Meu maior sonho é que todas as leis que existem sejam respeitadas. Não precisamos de mais leis, falta fiscalização. As pessoas não respeitam. Quando vamos falar do projeto, percebemos que muitos não param para pensar nas dificuldades do próximo. E depois do Mova-se, muitas pessoas abriram os olhos para o assunto. O objetivo principal é despertar empatia, fazer com que as pessoas se coloquem no lugar do próximo e entendam que ninguém está livre de sofrer um acidente, de envelhecer ou de ter uma doença degenerativa e ficar com alguma limitação física. Segundo o Censo do IBGE, um quarto da população tem algum tipo de deficiência. ●